

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

### “INTELECTUAIS E ARTISTAS INDÍGENAS”

Agenor de Vasconcelos Neto<sup>1</sup>

Julio Mendivil<sup>2</sup>

A partir da experiência de uma disciplina dedicada inteiramente à bibliografia produzida por intelectuais indígenas, homens e mulheres, do Alto Rio Negro, surge a proposta de reunir artigos, narrativas e reflexões que se proponham a pensar e trabalhar com essa produção.

A indigenização das teorias e metodologias na pesquisa acadêmica é uma reparação histórica, visto que esses conhecimentos sempre foram apropriados pela ciência ocidental e utilizados para diversos fins (biomedicina, inspiração estética, tecnologias de caça e pesca, etc.).

O fato é que muitas áreas da ciência fazem uso de diversas maneiras dos conhecimentos indígenas e não citam a fonte em seus resultados. Por outro lado, as humanidades pautam a vanguarda teórico-social do momento atual (virada social-ontológica, pluralismo). Entre “perspectivismos”, “epistemologias do sul” e ‘animismos”, uma teoria indígena começa a se consolidar e a se democratizar, do mesmo modo que vai alcançando lugares elitistas, antes inacessíveis, da ciência brasileira e mundial. Toca o coração de todas as classes.

---

<sup>1</sup> Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM). Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: [agenor.neto@ufam.edu.br](mailto:agenor.neto@ufam.edu.br).

<sup>2</sup> Professor Etnomusicologia da Universidade de Viena, Áustria. Doutor em Etnomusicologia pela Universidade de Colônia, Alemanha. E-mail: [julio.mendivil@univie.ac.at](mailto:julio.mendivil@univie.ac.at).

A tríade teórica *Bahsesé-Bahsamori-Kihti*, desenvolvida pelos intelectuais indígenas do povo Yepamahsa Rivelino Barreto, João Paulo Barreto, Dagoberto Azevedo e Gabriel Sodré Maia, em parceria com seus familiares e orientadores, é a ponta de um iceberg das potencialidades do pensamento indígena do Alto Rio Negro. Há muito tempo negado, esses conhecimentos desse contexto proporcionaram ao mundo o desenvolvimento da borracha e de auxiliares para anestesia, para citar dois exemplos emblemáticos. Como se produz o conhecimento indígena sobre a seringa e o curare? Ou melhor, como se produz o conhecimento indígena sobre as plantas? A pergunta que subjaz a todas nesse sentido é: como se produz e distribui o conhecimento na cultura indígena?

Como produzir uma sociologia, antropologia, musicologia, geologia ou agronomia indígena? Como gerar tecnologia, ciência e filosofia dos diversos povos da região? Ora, os estudos atuais dos antropólogos do povo Yepamahsã demonstram como se produz conhecimento e qual a metodologia (*kihti-ukuse*) para isso. Esses estudos irão influenciar o futuro do pensamento social na Amazônia.

A partir dessas reflexões, reunimos trabalhos dos pesquisadores que se dedicam à Amazônia e que tecem o fazer científico com os conhecimentos cosmológicos de seus povos indígenas, negros e ribeirinhos. O que um dia já foi “lenda”, hoje é tese de doutorado premiada no Brasil.

O dossiê conta com 10 artigos. Ciséa Basílio, do povo Dessana, apresenta parte dos resultados de sua pesquisa no mestrado em Geologia da UFAM. Em parceria com seu orientador, Dr. Raimundo Humberto Lima, ela esboça uma geologia Dessana, demonstrando a convergência entre a ciência de seu povo e sua especialidade científica.

Dr. Rivelino Rezende Barreto, do povo Yepamahsã, professor de antropologia da Universidade de Santa Catarina, e Jussara Garcez Barreto, mestranda em educação, trazem-nos um belo relato de Rivelino sobre seu avô, Kuriano Yai, especialista “xamã” do Alto Rio Negro. Levando em consideração que a especialidade de yai não está mais sendo desenvolvida no Alto Rio Negro - os últimos yai são da geração do avô de Rivelino, seus descendentes são kumuã - esse relato é extremamente relevante para o entendimento dessa especialidade.

Wendell de Holanda Campelo, doutor em filosofia, em parceria com Ernesto Renan Freitas Pinto, pesquisador visitante nacional sênior Amazônia no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UEA, fazem uma reflexão profunda tentando responder a seguinte pergunta: “Há uma ontologia perspectivística Yepamahsã?”. Para essa empreitada, fundamenta-se a reflexão em um diálogo com a teoria desenvolvida, também, por Eduardo Viveiros de Castro.

Também temos a participação do professor de Direito da UEA, Denison Melo de Aguiar, com um artigo que reflete sobre pluralismo jurídico aplicado a dois casos do Alto Rio Negro: o *bahsesé* (conhecido como “benzimento”) e a música *kuximawara*. Da UEA, também temos uma brilhante participação do doutorando Jeferson Bastos de Souza em parceria com o professor Luiz Davi Vieira Gonçalves intitulado “UKUSE - BAHSE MERISE – DIÁLOGOS – ARTE E BAHSESE: Experiência e formação junto ao Centro de Medicina Indígena”.

Também participam, Dr. Olivier Meunier, com um artigo de sua pesquisa sobre as contribuições das universidades interculturais do México, uma reivindicação dos movimentos indígenas do país, e Dr. Marco Antônio Valentim, com uma reflexão sobre a obra de Ailton Krenak.

Por fim, com uma colaboração internacional para esse dossiê, temos a participação de Nora Bammer, doutoranda da Universidade de Viena, que nos apresenta com um artigo em inglês sobre seu trabalho de campo realizado na Amazônia equatoriana entre o povo Shuar, em uma tradução livre seu artigo é intitulado “Tornando-se Tsunki”. Tsunki seria, para esse povo indígena, o “espírito” da água, que desafia a colonialidade dos gêneros hegemônicos.

Esperamos que esse dossiê engaje no fortalecimento dos laços entre os autores envolvidos, estudantes e leitores interessados no tema, assim como no empoderamento da revista Somanlu, periódico necessário e fundamental para nossa região Amazônica.